



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 17.9.2013

Local: CERES/UFRN

Entrevistado: João Batista de Brito

Responsável pelo resumo: Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros (bolsista)

João Batista de Brito: Colocasse o tema que você que trabalha durante o dia e vai estudar à noite, ganhando um salário mínimo de estado de miséria. Isso era o motivo para você ser preso. E quando eu comecei, lecionando geografia aqui em Caicó, em 1979, houve uma reviravolta no Seridó. Porque Geografia era a disciplina dos coronéis e Geografia não podia reprovar, História era para o aluno decorar as datas, não era para saber a história do povo e nem como o povo continuava sendo escravizado na região. Eu assumi a responsabilidade sozinho e depois meus colegas de Geografia seguiram. Aqui na Universidade eu tive o apoio exclusivo do professor Lacerda. Único e exclusivo o professor Lacerda. Depois Graça Lagos veio apoiar a nossa causa. Tinham determinados colegas que quando me viam com um jornal chamado o *Pasquim* eles cortavam a rua, cruzavam a rua de Caicó para não se encontrarem comigo, porque o *Pasquim* era um jornal revolucionário. E eu comecei fazendo um trabalho de Geografia, e dizendo que a região do Seridó era pobre sim, o povo era pobre. Nós tínhamos uma coisa que era muito forte, era a cultura e o reconhecimento do Seridó. Onde normalmente pessoas que viam de fora que não conheciam o seridoense diziam que a gente era uma região muito pobre, que a região era carente. Não, nós não queríamos utilizar a tecnologia que existe para sobrevivência. Onde um agrônomo da Embrapa, eu vi aqui quando passei pelo anfiteatro, algumas plantas nativas da região, plantadas e rodeadas de garrafa. No CEJA, a gente plantou e depois foi feita uma limpeza, pois o governador do Rio Grande do Norte vinha aqui. E passaram a máquina para arrancar os pés de ipê amarelo que tinham sido plantados comemorando os 40 anos da fundação de uma escola. “Não, porque tinha mato”, isso é lamentavelmente o nosso futuro. Mas porque a Geografia passou a ser uma disciplina terrorista? Este era o tema: na sala dizia o porquê não faltavam materiais. Tinha uma carteira, mas além da carteira eu tinha um giz, um quadro esburacado. Nos mapas a União Soviética ainda existia. Nós tínhamos no Brasil alguns

territórios ainda. Nós tínhamos Fernando de Noronha em território. E por que esse material não se chegava à escola? E tínhamos na cabeça que na região escola era despesa, não era investimento. Até hoje o nosso pai tem, até hoje eu aposentado do Estado. Estou há 35 anos na sala de aula. E muitos pais têm na cabeça que se for colocar o filho em uma escola ou se ele for fazer um curso fora, isso é despesa, não é investimento, porque a gente prima, infelizmente ainda, pelo trabalho braçal. Pessoal, e o que aconteceu com o meu irmão? Ele era o professor de Geografia, discípulo de Josué de Castro, – médico pernambucano, que escreveu *Geopolítica da fome, Geografia da fome, Seca e caranguejo*. E ao ler isso e trabalhar Geografia, ele discordava daquilo que dizia a ditadura. Veja só, para se dar bem e manter cursinho em Recife, era um dedo duro o dono do cursinho. Para você montar um cursinho em uma escola particular tinha que ser atrelado à Ditadura Militar se não a escola não funcionava. Imagina para ser professor universitário? Imagina para ser professor do estado? O Estado de Pernambuco tinha os melhores professores do colégio estadual de Pernambuco. Foi transformado em, que era o ginásio pernambucano, todos eles foram aposentados, para que? Eles trabalhavam dizendo o que acontecia no Brasil e em Pernambuco. Então eu fui naquele período, fui para Recife, terminei o ginásio no CEJA – Centro Educacional José Augusto. Fui para Recife e de lá comecei a trabalhar e foi o tempo que o meu irmão foi preso. Qual era alegação da prisão do meu irmão? Dois colegas dele, do Rio Grande do Norte, Luciano de Macau e Maurício de Santa Cruz, precisavam de um apartamento para morar em Recife. E meu irmão como tinha um trabalho e endereço fixo foi o avalista do apartamento. Com isso, descobriu que ele sendo o avalista era também pertencente à Aliança Libertadora Nacional, que era uma facção que mostrava as diferenças sociais, políticas e econômicas de região para região. Então com isso ele foi preso, qual a alegação? Era terrorista. Foram no apartamento onde ele morava. Eu resgatei uma parte dos livros dele, o maior atentado neste país era o livro de Geografia Política e os livros Josué de Castro, médico sanitaria de Pernambuco. Todos eles eram perfurados com baionetas pelo órgão repressor. Eu peguei esses livros e no dia seguinte, eu peguei os livros à tarde, no dia seguinte a dona do apartamento me procura em Recife, onde eu trabalhava, que ela me conhecia, pedindo que eu devolvesse os livros, que tinham dado 48 horas. Ou eu devolvia aqueles livros terroristas ou iriam tocar fogo na casa dela. Foi o último dia que eu trabalhei no mesmo lugar, para ela não me encontrar mais. E os livros não foram devolvidos. Pessoal, por quê? O bom era que você não soubesse ler, o bom era que você aceitasse o comentarista de jornalista de um jogo de futebol, isso era importante. Você não precisava saber a verdade do país. Então eu fiquei acompanhando meu irmão nos presídios. Vocês imaginem, vocês não haviam nascidos, eles já haviam nascido. No dia que eu fui visitar meu irmão preso na 2ª Companhia de Guardas, e no presídio preso em uma cela na Companhia de Guardas, que era o Quartel do Exército do Recife. Eles já sabiam... A visita começava às 8h. Meia hora antes tinha sido sequestrado o Embaixador dos Estados Unidos, eles já

sabiam do sequestro, e olhem como esse país era democrático, eu tinha que conversar com meu irmão em uma mesa que era essa largura, o oficial do exército aqui, e dois microfones, um para lá e outro para cá. E quando eu dizia: “a mãe daquele rapaz está melhor” – “quem é o rapaz?”, - “É o primo dele”. Isso era com os microfones aqui e antes de você conversar, você ia para uma parede ser fotografado. Toda semana eu era fotografado. Você levava um lanche, por exemplo, um granada, uma maçã, a maçã eles batiam com o dedo jogavam no chão para ver se ele explodia, veja o tamanho, isso era a democracia que era empregada com aval dos nossos amigos americanos. Então esse setor de repressão eu vivi na Companhia de Guarda, Quartel de Cinco Pontas, Casa de Detenção, no julgamento que era uma verdadeira brincadeira. A comissão para votar se ele seria condenado ou não, um oficial da Marinha vai e pergunta assim: “eu não vejo nenhuma culpa desse rapaz ter assinado, ter sido avalista do apartamento de uma pessoa, e ele ser preso. Qual foi o ato de terror e ameaça nacional à segurança nacional que ele fez?”. O oficial do Exército que estava do lado dele diz a seguinte resposta: “Deixe de ser besta, pois se a gente não matar esses terroristas eles vão matar as nossas famílias”. Pessoal, quando você escuta isso no auditório do julgamento da auditoria militar. Numa auditoria militar, e você escuta isso. Eu estava ao lado da nossa advogada, que não podia falar, era advogada, mas não podia falar, não tinha acesso. E doutora Mércia, a quem eu devo isso. Doutora Mércia esteve várias vezes na Casa Metralhada, por quê? Era defensora de terroristas, como chamava os militares. Onde em um depoimento do delegado do DOPS de Recife disse que ele era um dos terroristas mais perigosos do Rio Grande do Norte. Porque quando era aluno/estudante em Natal, quando era aluno em Natal, foi ele que comandou todas as passeatas dos estudantes de Natal e que inclusive estava articulada uma manifestação para invadir o Palácio do Governo do Rio Grande do Norte. Aí a gente teve que rir, porque sabe quantos dias o meu irmão estudou em Natal? Nem um minuto. Ele saiu do Colégio Diocesano direto para Recife. E vejam que o DOPS via e conhecia-o coordenando manifestação em Natal. E isso era o processo, o julgamento, pessoal. Imagine aquelas pessoas que foram assassinadas forjadas. Então a gente tinha uma maneira de sobreviver, qual? Eu aprendi que telefone você gravava, eu lamento muito hoje a nossa juventude do celular, nada sabe, tudo esquece, tudo desconhece. Você diz agora, meia hora depois não sabe de nada. Você diz: “que dia é a prova?”. Ele olha para você começa a rir e diz: “prova?”. Você chega à sala de aula, e ele olha para gente e diz: “professor, você vai dar aula?”. E muitas vezes eu respondo: “não, eu vim nadar, você não está vendo a minha roupa?”. Pessoal, a gente aprendeu, aprendeu a ter endereço e telefone das pessoas sem ter anotado em nada. Uma questão de sobrevivência. A gente aprendeu a arrumar e alugar apartamentos em três horas, para manter-se vivo. Todo ano você tinha que apresentar na empresa que você trabalhava um atestado de residência e de vida. E uma vez eu deixei os atestados, pois precisava entregar na empresa naquela tarde, deixei de almoçar e fui buscar. No caminho entre o distrito policial e a delegacia, faltava o meu. E

encarregado, o policial encarregado de entregar os documentos disse: “eu não posso agora, pois vai ter... Você pode levar e entregar na delegacia que o delegado lá entrega”. Na relação estava meu nome, mais não o meu atestado. Eu entreguei na delegacia, ele conferiu e disse: “o seu não veio, possivelmente vem mais tarde”. Eu telefono para a empresa, chego em casa, boto as coisas no caminhão com meus irmãos e minhas irmãs. Antes de sair do trabalho eles já sabiam que a gente estava morando em outro local. Por quê? Possivelmente a nossa casa à noite seria atacada. E o que a gente tinha? Eu e minha irmã mais velha acompanhávamos todos os passos do meu irmão enquanto ele esteve em Recife. Quando ele saiu de Recife e foi para São Paulo, a gente pensou que ele teria outro tempo de vida, e lá ele foi assassinado. Foi assassinado em São Paulo e vejam como os órgãos de Ditadura funcionavam. Ele é assassinado em São Paulo e ligam para casa do meu irmão no Rio às 5h da manhã e diz que procurassem resgatar o corpo que tinha sido encontrado na Estação do Ipiranga, em São Paulo, provavelmente ele tinha caído do trem e que o telefone dele seria desligado dentro de meia hora, veio funcionar dois dias depois. Pessoal, como eles faziam isso? Hoje a gente vê a questão de muito aluno fica escandalizado: “a CIA está espionando Dilma...” e você também. O que você conversa com os seus colegas, você está com a vida escancarada. Você mesmo pergunta: “a gente não encontra nada seu na internet”. É por isso. Eu vivi, eu vivi e aprendi a viver daquela maneira. Teóricos se quiserem me pegar me pegam, eles sabem muito bem onde eu estou. Possivelmente eu não irei soltar bomba em nenhum canto. Mas a história é outra, e é bom, é bom que alguém sobrevivesse, que vocês estão vivos aí, para sobreviver também. Quando a professora citou que o pai silenciou, nós respeitávamos os nossos pais, e o meu pai era semianalfabeto, com 12 filhos. 12 filhos, conseguiu dizendo uma coisa: “não tenho nada para deixar para alguém, estudem”. 11 fizeram curso superior, 11 fizeram curso superior, não existe nenhuma, e eu digo para os meus: nada nesse prédio cairá, o teu carro acabará, o que está na tua cabeça, geração futura é seu. A humanidade toda depende de vocês, são vocês que vão mudar essa história. São vocês que vão mudar essa história suja do Brasil que não podia se dizer nada desse país. Mas alguém teve coragem, do sangue de muitos que correram e derramaram como o do Emanuel Bezerra. Que o major do Exército esteve na casa de dona Joana e disse: “Dona Joana, um cidadão inteligente como seu filho não pode viver, que no Brasil a prisão é para pessoas que não pode ser manobradas conforme querem os americanos”. Depois ela recebe a notícia do filho que tinha sido assassinado. Assim eles fizeram com muitos e algumas famílias resolveram silenciar. Meus pais, talvez pela escolaridade, guardassem tudo no silêncio. Mas a gente conseguiu na escola, hoje a universidade não cobra mais. Mas a universidade, a cada seis meses você fazia uma matrícula, renovava a matrícula, você tinha que colocar uma ficha branca, era diferente de todas as fichas, por exemplo, sua preferência política, se você conhecia os candidatos que havia votado no ultimo pleito, qual a sua religião. Claro que aquela pesquisa a gente tinha e sabia o endereço e para onde era. E cada sala de aula os professores

daqui da Universidade, não tem mais, cada sala de aula a gente sabia e aprendemos a conhecer quem era o agente que estava ali, quem não apareceu o nome na lista dos aprovados no vestibular. E ele estava matriculado e procurava conversar exatamente com aqueles alunos que tinha determinada liderança nos movimentos estudantil. O julgamento muito, muito aqui em Caicó quando eu era adolescente, nós fizemos uma manifestação, o líder foi o Salomão Gurgel Pinheiro. Hoje eu pergunto quem é o presidente a União Estudantil de Caicó? Os estudantes secundaristas não sabem. Os analfabetos, ali dos sindicatos dos trabalhadores do outro lado sabem quem é o presidente, sabem em quem votar, sabem os seus direitos. E vocês não sabem mais, por quê? Vocês estão estudando para o prova, estudem para vida. Foi assim que ganhei a lição de vida do meu irmão, quando os meus irmãos que a gente aprendeu a conviver com a ditadura e sobreviver. A gente está hoje de pé e com vida. Mas essa história precisa ser contada, e contada é o seguinte, como? Tudo aquilo que a ditadura fez como o companheiro do meu irmão Odijas, que o pai dele visitava-o religiosamente aos sábados e a humilhação de visitarmos os presos na detenção, muitas vezes a gente recebia em nossa casa em Recife pessoas que viam do Espírito Santo, da família de Perly, pessoal de Alagoas de Rolim, daqui do Rio Grande do Norte, o pessoal, a esposa de Maurício, que passou a morar um tempo com a gente. Nós sabíamos perfeitamente o horário que cada um saía e hoje a questão da segurança nossa, o contato era como estavam e onde estavam. Nós aprendemos a viver as dificuldades dentro de um país que vivia em uma Ditadura Militar. Uma Ditadura Militar que tudo era montado para que os militares se saíssem bem. Ao ponto de vocês não conheceram as campanhas da Copa do Mundo. Pessoal, eu considero o pior termo utilizado pela Ditadura Militar. Onde banalizava, onde divulgava, onde enaltecia a corrupção com um termo que era assim: feio é você perder, bonito era vantagem em tudo. Ou seja, bonito é você servir os honestos. Pelo contrário, eu acho que hoje nós precisamos ser honestos, precisamos ser brasileiros e autênticos, defender isso mesmo que tenhamos que lutar cada vez mais. Mas o sangue daquelas pessoas que foram derramados na Ditadura Militar, por isso que hoje, pelos sonhos deles, pelo direito da gente votar é que hoje eu posso estar aqui dizendo isso. E muita coisa a gente já leu e escreveu sobre isso, mas acho que isso é apenas uma gota no oceano que foi melado de sangue dos brasileiros. Obrigado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado Professor João Batista, pela sua dívida e o seu lindo depoimento, pela emoção e esta é uma das principais tarefas desse processo da Comissão da Verdade que é revelar para novas gerações que a Ditadura que nos governou durante duas décadas não foi, como se disse, uma Ditadura *light*, ela torturou, assassinou, e esse processo tem a finalidade de tentar que as novas gerações entendam o que é democracia e que posso dizer nunca mais. Está aberto o debate, quem quiser fazer o uso da palavra, por favor, na mesa.

Almir Bueno: Professor Brito, nós temos recebido depoimentos de várias pessoas que participaram diretamente de organizações clandestinas na época e um dos depoimentos que foram mais amplos que a gente teve foi o do Marcos Guerra, quando ele dizia que ele no exílio na Europa, em Paris, ele ainda mantinha uma rede de comunicação das mais originais possíveis, com os familiares, com pessoas daqui do Brasil. É um dos aspectos que a Comissão tem procurado também captar, e aí eu queria que o senhor colocasse, se possível, não sei quanto tempo decorreu isso, mas da saída do seu irmão de Recife para São Paulo e nesse período vocês, os familiares, tinham contato com ele e de que maneira isso era possível ou perderam todo o contato? Que era uma maneira também de a gente conhecer os meandros e como isso se dava nesse período lamentável da Ditadura. Só para registrar, presença do Doutor Salomão Gurgel que será um dos próximos depoimentos.

João Batista de Brito: Professor, os contatos que se tinha com os familiares, ele, um dos dois passava na casa das tias e dos primos, e não, eles não sabiam os endereços deles. Nem deixavam endereços. Ele deixava uma carta e eles iam ao Correio e colocava a carta. E nessa carta era endereçado a um da gente, cada carta era endereçado a um. E às vezes essa carta era endereçada aos pais. E de São João do Sabugi os pais mandavam para a gente em Recife e normalmente não tinha assinatura de nenhum. Muitas vezes tinham bilhetes que eram assim: “passei na casa do mano e vi as filhas, todos mandam abraços, estive com a tia”. Não podia ser mais do que isso e aqui às vezes, “estive com a tia e tive notícia da turma do Rio”. Não era mais do que isso. Então era uma maneira de... quem era a turma do Rio? Quem era a tia? Fui à casa do primo, quem era o primo? E quando a gente respondia mandava pra lá, dá lembrança para ele, manda lembrança para o teu afilhado, então eles, pelos nomes, para ele ou para o afilhado, ou para o pai das meninas, os primos já sabiam cada carta, eles tinham também outro sistema. A gente mandava uma carta para caixa postal e outra para casa, era a mesma cópia, o mesmo bilhete. Que era a maneira de saber que tinha chegado. E quando chegava as duas ninguém estranhava porque já sabia e uma das coisas que a gente conferia. A Ditadura Militar tinha um sistema de abrir as cartas e quando eram abertas a gente conhecia, porque na colagem da assinatura fazíamos questão de assinar, após o envelope fechado, que era para o risco passar até o lacre do envelope. E normalmente 80% das cartas eram abertas e ficavam. Mesmo abrindo ou lendo a gente escrevia normalmente, eu tenho um irmão que tem dificuldade de escrever, era proibido naquela tempo escrever com a mãos esquerda. A professora colocava uma meia para ele escrever com a mão direita, então ele fazia as cartas escrevendo com a mão esquerda e a leitura, e escrita dele da mão esquerda você olhava, o que essa pessoa tentou escrever? Era uma caligrafia terrível, mas a caligrafia era usada exatamente para fazer despiste. Todas as informações eram dadas dessa maneira, mais segura de mantermos praticamente o anonimato e não tinha o nome de ninguém.

Ângela Ferreira: Primeiro parabenizar, professor João Batista Brito, por estar aqui e por fazer conhecer a todos essa história. Eu tenho uma curiosidade que é que você falou dos livros e que conseguiu não devolver os livros, a minha curiosidade é: onde estão esses livros, o que foi feito desses livros, porque esses livros passam a ser algo assim histórico e importante. Então eu queria saber um pouco da história dos livros. E outra curiosidade que eu fiquei pensando aqui, qual era o seu sofrimento maior? Se era do irmão que estava na prisão sofrendo todo tipo tortura, e de saber que a família também corria um risco ou da família, dos pais, dos irmãos, dos primos, da mãe que sabia que seu filho estava na prisão sofrendo todo tipo de tortura. Sim, que avaliação você faz dessa minha curiosidade? Que tamanho de sofrimento se é que se pode falar em tamanho de sofrimento.

João Batista de Brito: Professora, é como o choque, olha, às vezes tem certas pessoas que acreditam em uma série de coisas, está aqui o doutor Salomão e ele pode até trabalhar em cima disso. Quando o meu irmão foi assassinado, meu irmão que morava no Rio mandou um telegrama para uma prima da gente, para mandar avisar ao pai no sítio que meu irmão tinha sido assassinado. A pessoa do correio é o pai de uma pessoa muito conhecida aqui em Caicó, Padre Netto, e era muito conhecido da gente. E seu José chega lá em casa e diz: “Dona Maria! Ai, não, desculpe, o telegrama é para Mercedes” e passa para a casa da professora Mercedes. E mãe tem uma intuição, acho que biológica e ficou assim, minha mãe levanta e vai até a casa de Mercedes e chega e pergunta assim para Mercedes: “Mercedes, me desculpe. Seu José passou lá em casa com um telegrama e me chamou, quando eu saí, ele disse que o telegrama era para Mercedes, aquilo é um telegrama que mataram Zoézinho”. Meu irmão era Zoé, e a gente chamava Zoézinho. Ela teve um choque tão grande que desmaiou, Mercedes. Para mamãe, que estava fazendo um tratamento de câncer uterino, então o choque foi tamanho que ela 15 dias depois [inaudível] foi 15 dias no máximo que ela nunca mais andou. E a gente viveu, da morte do meu irmão, que foi 28 de julho de 1972, em 1 ano e 6 meses morreram avós, mãe e dois irmãos. Eu dizia que a gente não tinha tempo pra chorar e botar luto, nem tirar e nem colocar. Tudo que sobrar ou quem sobrar é lucro. Agora dos livros, foi uma luta minha perdida, meu irmão foi para São Paulo e uma namorada dele em Recife pediu para ler esses livros que era muito curiosa e até hoje... Eu tenho certeza que aquela mulher era dedo-duro. E depois eu tentei resgatar esses livros, eu bati meses, várias vezes, e esses livros ela dizia: “perdi, sumiu”. Eu tenho a impressão que ela deu um sumiço aos livros, exatamente pelo fato de ela ser informante. E esses livros desapareceram. Eu tive a oportunidade de comprar outros livros do mesmo autor. Mas os outros livros não eram perfurados e a gente fez questão em casa de ninguém ler mais Josué de Castro, só ler se for aquele que foi perfurado pelas baionetas do exércitos. É lamentavelmente, é que a gente era cercado. E que muita gente fazia isso em troca de emprego, se

você passava a ser informante dos órgãos repressores você tinha um emprego, você não precisava como hoje em dia que ficam de exposição de assembleia em câmara, etc. Era a mesma coisa, ficavam de exposição dos órgãos repressores.

Ângela Ferreira: O senhor lembra-se do nome dessa pessoa?

João Batista de Brito: Maristela.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Vai falar no microfone ou pode ser daí mesmo?

Rosenilson da Silva Santos: Pode ser daqui mesmo. Professor, boa tarde, a minha pergunta diz respeito à experiência de início da minha graduação, quando a gente aqui no CERES pagávamos uma disciplina sobre a Metodologia da História Oral, e aí o professor nos pediu e nos dividimos em duplas e que deveríamos entrevistar sujeitos que durante o período da Ditadura Militar haviam sofrido algum tipo de perseguição. Eu não tive nenhum problema em conseguir algum entrevistado. E consegui a entrevista porque eu me direcionei para a clínica do professor Salomão. Não sei se ele se lembra, mas eu fiz a entrevista com ele nesse contexto. Outros companheiros de turma nessa época não conseguiram fazer a entrevista porque aquelas pessoas que eles procuraram se indispueram a fazer a entrevista, por medo do retorno da Ditadura. E aí a fala do professor me rememorou essa situação porque o senhor disse: “os meus alunos me perguntam por que não há informações ao meu respeito na internet”. Ou seja, ainda hoje o senhor se nega a disponibilizar informações que possam levar os sujeitos até você. E aí também em outra fala o senhor diz o seguinte: “eles pode até me encontrar, eles parecem ainda vivos, ele me parecem ativos”. E eu queria que o senhor me falasse um pouco disso, há o receio da perseguição, o senhor acha que os militares podem voltar no posto onde estiveram? Por isso o senhor não disponibiliza suas informações na internet? Seria isso? Essa é minha dúvida e obrigado.

João Batista de Brito: Olha, eu fui procurado por vários alunos do curso de História, não sei nem quais as épocas, eu tenho a impressão que foi para a universidade. Eu acho que uns três trabalhos, em épocas deferentes eu dei entrevista sobre a vida do meu irmão. Inclusive teve um, Francisco, que terminou recentemente, ele que é da PM. Ele pegou uns livros que eu tinha lá em casa, depois da entrevista ele ficou curioso, pegou os livros e disse assim: “eu posso até reprovar nas disciplinas, mas eu vou ler os livros antes do período” e devolveu os livros. Vejamos só, as informações, hoje, eu prefiro passar informações, mas para universidades. Porque deixar muitas vezes, mas você coloca esses dados na internet. Pessoal, possa ser que eu estou ultrapassado, e eu até reconheço, eu

tenho 62 anos. Pode ser isso, mas na internet você pode jogar da maneira que você quer e aqui ninguém muda o que eu disse, você escutou. Na internet está escrito e eu posso mudar. É por isso que digo muito ao meu aluno, se você quiser ver uma coisa você vá ver. A aula de campo por mais cara, por mais difícil que seja vá, pois você viu. Tudo que você leu você vai saber ali se de fato é verdade. Então eu prefiro que esse material seja divulgado, seja dado em universidades, que chegue a alguém via universidade. Porque eu colocar, outra pessoa iria colocar de outra maneira, pois a universidade é uma instituição que mesmo sofrendo o que sofreu na Ditadura Militar, que “vamos acabar com os cursos da universidade”, “vamos tirar a capital, a estrutura tudo”, mas as universidades se mantiveram e foi, digamos assim, a célula, a vela que estava no final do túnel e diz: “tudo começa por aqui, e aqui é a porta da saída”, por mais que perseguidos que foram muitos professores, perseguiram muitos professores e de todos os cursos das universidades. Mas não conseguiram apagar a universidade. Por isso é uma instituição séria. Porque aquela briga de indicar os reitores e depois os reitores começaram... Esses grupos de pessoas, muitos da universidade sofreram essa perseguição. Professor Lacerda aqui em Caicó chegou ao campus de Geografia, aqui no Departamento de Geografia faltando professor. Lacerda não pode assumir sala de aula. Porque o professor Lacerda discordava aqui da família Costa que eram os Coronéis aqui da região. E o professor Lacerda ficou fora da sala de aula. Nós fizemos um trabalho aqui na Universidade em 82, que foi trabalhar sobre a questão da emergência, a seca de 82, e Lacerda tentou coordenar mesmo estando fora da sala de aula, foi negado ele coordenar esse trabalho. Lamentavelmente ou graças a Deus, no dia da apresentação do trabalho, era presidente também dos sindicatos dos professores daqui de Caicó, e estava uma greve imensa no estado. Eu tinha que passar a semana inteira em Natal e quando eu cheguei aqui na quinta-feira à noite, estava o trabalho na universitária: “o trabalho é para ser apresentado amanhã e é você que vai apresentar”. Eu disse que nem li. Pessoal, eu tinha ido ao campo, na cidade de Caicó para fazer a pesquisa sobre emergência e no outro dia eu não consegui dormir, eu não consegui me alimentar e tinha que apresentar o trabalho. Era questão de honra apresentar aquele trabalho. E olhem, quando eu apresentei o trabalho o professor Lacerda disse: “eu quero fazer a primeira pergunta, por que a saúde de Caicó tem nome e dono?” Como eu tinha feito a apresentação do trabalho, e as listas de emergência têm nome e têm partido. Como eu tinha feito a leitura do trabalho e na hora de trabalho que eu estava lendo a conclusão lá no banheiro depois da cantina, pois eu não tive tempo. Eu cheguei atrasado no auditório que era lá na sala do outro lado porque estava lendo a conclusão. E eu disse com todas as letras e uma semana depois o secretário de educação vem a Caicó e o prefeito da região pediu ao diretor da escola que eu trabalhava que tirasse eu do quadro, porque eu era um risco para sociedade do Seridó dizendo aquilo. E o diretor do CEJA foi muito homem naquele tempo e disse ao prefeito: “prefeito, me arruma um professor de Geografia que fala a verdade que tiro ele hoje, mas aqui na região do

Seridó ele tem que dizer isso, é o que está acontecendo”. Eu agradeço até hoje o que o Ariel respondeu ao secretário e saiu do almoço que o secretário de educação ficou chateado por essa situação dele. Que era doutor Hélio. Porque simplesmente em uma aula aqui na universidade você tem que dizer tudo. É claro que ofendeu as famílias que muitas vezes foi beneficiada pela situação de emergência de seca como a que estamos passando agora. E porque muitas vezes a universidade não fez isso? Porque os coronéis não quiseram para que o Seridó ficasse mendigando, pedindo, com um pires na mão. Lamentavelmente, a Geografia, quando passou a fazer isso, começou a incomodar as oligarquias daqui. Não sei se te respondi certo, professor. Obrigado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Só queria dizer que a Josenilson que o risco nunca desaparece. Josenilson

Almir Bueno: Rosenilson.

João Batista de Brito: O risco nunca desaparece. Esse processo é um dos mecanismos para que a memória não se perca e a democracia fique sempre vigilante. Eu sei que sua pergunta foi provocativa, só estou reforçando.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Nós vamos encerrar as perguntas porque estamos com meia hora de atraso, mas depois no final quem quiser fazer alguma exposição sobre o João Batista...

Danilo (ouvinte): Boa tarde, me sinto muito feliz por ter vindo aqui, eu cresci ouvindo essa história dele e do irmão dele e sobre a Ditadura. Desde o meu nono ano que ele fez uma exposição na minha sala. E ele falou agora me remeteu a pensar sobre ofício do professor na Ditadura. Em que o trabalho era mecânico e tinha que obedecer aos padrões. Que o livro didático era um risco, como ele falou, era perfurado. Então eu queria saber como era esse processo de você ser contratado pela uma instituição e esse levantamento sobre o seu histórico. E o que o senhor conseguiu ensinar em meio a perseguição.

João Batista de Brito: Obrigado, Danilo, você continua provocador. Mas, olhe, eu vi uma situação, professor, o risco que corre o pau corre o machado, por isso eu prefiro a universidade, que como instituição se manteve fiel e eu prefiro que esses dados sejam passados de universidade para a sociedade, que será uma sociedade possivelmente com um esclarecimento maior. Mas Danilo, os livros eram escolhidos de forma a agradar a elite. Nós temos um cidadão chamado de Marco

Marciel, era ministro da Educação do Brasil, e um livro de português que foi publicado para ser doado para as escolas de ensino fundamental, a última a lição das quinta série do ensino fundamental, hoje é o sexto ano, tinha uma lição que eram assim: os índios não mascam chiclete. E era uma crítica ao capitalismo. Doutor Marcos Marcel, digníssimo representante da extrema direita da elite, inclusive de Pernambuco, quando viu a primeira edição desse livro publicado e no ano seguinte iria ser publicado e distribuído novamente para todas as crianças do Brasil, a última lição foi retirada no ano seguinte. E por que foi retirada? Porque muitas vezes eu comecei as aulas de Geografia trabalhando o tema que estava escrito no livro lá na quinta série. E a minha discordância dentro do colégio era que Geografia não podia reprovar, Geografia não pode reprovar, quem reprova é Matemática, quem reprova é Física. Agora o ENEM chegou e disse se você não souber de Filosofia, se você não souber História, se você não souber Sociologia, se você não souber Geografia, se você não souber Religião não adianta saber de Física e Matemática que você não entra na universidade. A universidade vai lhe dar o conhecimento específico de cada disciplina. Mas o básico é dado lá no ensino fundamental e médio. Então eu comecei a trabalhar Geografia pedindo que eles começassem a raciocinar e por isso você tirava tanta nota boa em Geografia, enquanto os seus colegas ficavam pensando em decorar, eu vou estudar para Geografia, você estudava para aprender. E você estudava para aprender, apreender, questionando cada questão que era feita. Questionando o porquê da coisa. Estava aqui o livro, está aqui o livro e eu dizia isso aqui. E na prova coloca a sua realidade, o que eu dizia e o livro. Você é inteligente, responda e vá em frente.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito obrigado, professor José Batista Brito, pela sua brilhante exposição, pela sua veemência, pela sua... eu esqueci a palavra, mas pelo seu... manter suas opiniões contra tudo e contra todos e eu só posso repetir que depoimentos como o seu é que fazem a Comissão da Verdade. E a finalidade é nunca mais. Obrigado. Vamos dar continuidade aqui com a nossa programação que está um pouquinho atrasada, 35 minutos até.